



*literatura
popular*

LITERATURA POPULAR TRADICIONAL NO CONCELHO DE QUALEDRO



Isaac Alonso Estravís

0.0. Que se entende por Literatura Popular?

0.1. Entendemos por Literatura Popular aquela que é conhecida e repetida polo povo de avós a pais e de pais a fillos sem ter noticia de quem foi o autor ou autores dessa literatura. O povo-colectividade não cria. A creación é obra de uma pessoa desse povo que soubo assimilar profundamente o sentir desse povo e exprimi-lo mediante uma das formas existentes: adivinha, conto, fábula, poesía... O autor pode ser uma pessoa erudita mas com tais características que o seu produto seja assumido polo povo como seu. Pode ser uma literatura criada dentro do territorio ou trazida de fora, como no noso caso acontece com os romances, cuja maioría foi importada de Castela e Leão, o mesmo que lle aconteceu a Portugal. O maior caudal de romances portugueses estão situados em Tras-os-

Montes. No caso dos romances alguns foram traduzidos ao galego, outros é un misto de galego e castelhanos -talvez a maioría-. São poucos os exemplos enxebremente galegos ou puramente castelhanos. ... o resultado de uma história cultural que devemos aceitar se não queremos atraiçoar a esse povo que no-la transmitiu com maior ou menor fidelidade. Nisto concordo com J. L. Forneiro, um dos melhores estudiosos do noso romanceiro¹.

0.2. Que géneros abrange? A literatura popular abrange os mais diversos géneros. Em princípio, tudo aquilo que é contado, cantado, recitado ou dito polo povo, porque responde aos seus mais íntimos sentimentos e transmite uma doutrina que vem do passado e ainda tem vigência para o futuro.

0.3. No noso mundo galego, como consequência do colonialismo cultural e subseqüente falta de identidade, houve como uma espécie de desprezo para o saber popular. Nas escolas ainda hoje não tem cabida alguma essa literatura, ainda que seja legalmente reconhecido o entorno familiar essen-

¹.- Cf. Forneiro Pérez, José Luis, «A literatura popular galega, un mundo por descubrir», in BOCA BILINGÜE, Revista Literaria y de Cultura en Español y Portugués, N°9, Octubre, 1993, pp. 56-61.

cial na formação da pessoa. Na minha infância essa literatura era aprendida à margem e paralelamente ao ensino escolar. Hoje estamos em transe de que desapareça por completo ao desaparecerem os sábios analfabetos ou semi-analfabetos, que são certamente um poço de sabedoria ao partir da vida e não ser ensossamente livresca.

1.0. Em que território me movo?

1.1. Como consequência da recolha de material léxico para a minha tese de doutoramento, este material pertence aos concelhos de Quedro e Trasmiras, tendo em conta de que ainda estou nos começos.

1.2. A variedade é muita: adivinhas, canções, refrãos, anedotas, contos, quadras populares, romances, desafios, a crítica de uns povos para outros, e mesmo uma espécie de colectânea na que entram as mais diferentes plantas, testemunhas picarescas de uma vida. Quando chegue ao final acho que se pode formar um cópuz completo, ainda que não seja essa a minha finalidade. Os informantes são pessoas maiores, algumas analfabetas. Às vezes falha-lhes a memória e outras não é o momento oportuno. O que sim se percebe claramente é que houve uma rica literatura em todos as aldeias visitadas. Tendo em conta o espaço que se me concede em RAIGAME, vou apresentar umas breves mostras.

2.0. Alguns exemplos recolhidos no concelho de Quedro

2.1. Críticas de uns povos a outros

a) «*Justiceiros em S. Milhám,
Sabidos na Girona,
Avogados na Pedrosa,
Toucinheiros na Saceda,
Patateiros em Luzença,
Ladrós em Quedro*»

(Armando da Silva, 60 anos e Helena de 40, 11.09.93, Pedrosa-Saceda)

b) «*Os de Saceda niscaros,
Os de Luzença veigueiros,
Em Vilela bugalheiros,
Os de Quedro rapinheiros*»

(Luzença, Severiano López Bailón, 74 anos, analfabeto, 18.09.93)

c) «*Curvaceiras vale um cam,
Pena Verde umha cadela,
Rebordondo pernas tortas,
Estivadas ramo d'ouro
pola mocedá que leva*»

(Estivadas, Júlio Alvar, 35 anos, 16.10.93)

d) «*Pena Verde o inferno,
Rebordondo o purgatório
e no Alto das Estivadas
nom pára ningum demónio*»

(Ramón de Rebordondo, 16.10.93)

e) «*Pena Verde o inferno,
Estivadas o purgatório,
e no alto de Quedro
nom pára ningum demónio*»

(Ramón de Rebordondo, 16.10.93, é uma variante da anterior)

f) «*Lama Longa nom val nada,
Vilela vale um mintém, (por vintém)
Muimenta vale-o todo
pola mocedá que tem*»

(Eloísa García Carnero, 74 anos e Francisco Álvarez Fernández, 75 anos, Moimenta, 09.10.93)

g) «*Gudim, Gudela,
Mala ralea*» (José Atanes Atanes «Paulus», 86 anos, analfabeto, Vilela, 26.09.93)

h) «*Vilela,
Rapa-lhe o cu à cadela*» (Vilela, Paulus)

A listagem seria demasiado extensa. Matias

Atanes tem um repertório de quase todos os povos, desde Perrelos (na Límia) até Qualedro. Ofereço a continuação uma de Calvelo-Cartelhe, da mãe de Elvira González:

«Quando a augha curra arriba
E os carvalhos diam uvas,
Entom serám apreciados
Os moços de barbas rúvias»
(1992)

2.2. Plantas

a) «Se souberades, rapazas,
Que cousinha é a malvela MALVELA
Paciande-la no prado
Como o boi pace na (i)erva»
(Hortensia Núñez Campos, 79 anos, Rebordondo, 14.08.93)

b) «Tenho umha erva na horta
Que lhe chamam a luísa, ERVA LUÍSA
Se queres casar comigo
Compre-che um ano de missa»
(Cristalina Atanes Álvarez, 57 anos e Paulus, Vilela, Dezembro de 1993).

c) «Hortelá entre paredes,
Eu nom a mandei plantar HORTELA
Se te queres pôr comigo
Tes moito que estudar»
(Os mesmos que na anterior)

d) «Arrimei-me a um loureiro verde
Pensando que era calado LOUREIRO
Ai, Loureiro pirloteiro,
Que assi me tras enganado»
(Os mesmos que na anterior)

e) «Loureiro, verde loureiro,
De verde te estás batiendo, LOUREIRO
Por delante buena cara,
Por detrás me estás vendiendo»

(Helena, 40 anos, Saceda, 05.09.93)

f) «Arrimei-me a um pino verde
Pensando que era calado
I o pino como era verde PINHEIRO
“Ô ver-me chorar, chorava”
(Cristalina e Paulus)

g) «Dixo-lhe a linhaça ò milho:
Tira-te p'ra lá, morrom,
Que estás oito dias
Debaixo do terrom.
Dixo-lhe o milho à linhaça:
Quita-te, privada,
Cabo de três dias
Já estás nada»
(Pedrosa Asunción Salgado Lorenzo, 84 anos, 12.09.93)

«Dixo-lhe a linhaça:
Milho, milhom,
Estás quinze dias
Debaixo do terrom.
Di-lhe o milho à linhaça:
Pivela adiantada,
Ô cabo de três dias
Nom és nada»
(Varte da anterior. Mesmo lugar e pessoa)

Há uma erva que é conhecida em toda a parte e que tem muitas variantes, que serve de réplica entre a mulher solteira e a casada. O nome polo que é comumente conhecido é o de trovisco e o seu nome científico é **Daphne gnidium**. Eis alguns exemplos:

a) «Chamache-me travisqueira,
Erva qu'o ghado nom come.
Vale mais ser travisqueira
Ca mulher de ruim home»
(Gudim, 05.08.93, Avelino Atanes, 74 anos e D. Adelaide Seoane, 76 anos, 07.93)

b) «Chamache-me travisqueira,

Erva que o gado nom come.

*É melhor ser trvisqueira
Que mulher de ruim home»*

(Vila Seca, José Alonso, 40 anos, 01.08.93)

c) *«Chamache-me trovisqueira,*

Erva que o ghando nom come.

Vale mais ser trovisqueira

Ca mulher de mal home»

(Calvelo-Cartelhe, mãe de Elvira González, 1992, cantada)

d) *«Chamache-me truvisqueira,*

À vista de tanta gente

I agora vai-me quedar(e)

Truvisqueira para sempre»

(Girona, Guadalupe Álvarez Suárez, 83 anos, 06.08.93, cantada)

e) *«Chamache-me truvisqueira*

Erva qu'o gado nom come.

Vale mais ser truvisqueira

Que mulher de ruim home»

(Girona, Guadalupe Álvarez Suárez, 83 anos, 06.08.93, cantada)

2.3. Animais

a) *«A perdiz canta no nino*

E o perdigom no valado

I a perdiz está dizindo

Vem acá meu namorado»

(Cristalina e Paulus)

PERDIZ

b) *«Canta cuco, canta cuco,*

Na rabela do arado,

Os homes ond'às mulheres

E o gado mal guardado»

(Paulus, Vilela, 26.09.93)

CUCO

c) *«Eu arrulei a rulinha.*

Eu arrulei-na moi bem.

Eu arrulei a rulinha

ROLA

I outros levam-lhe o que tem»

(Moimenta, Francisco Álvarez Fernández, 75 anos, 09.10.93)

d) *«A rolinha anda chorando,*

Que lhe roubarom o «nido».

Nom o figeras tu rola

tam arredor do caminho»

(Moimenta, Francisco Álvarez Fernández e sua mulher Eloisa Garcia Carnero, 74 anos)

2.4. Adivinhas

a) *«Redondim, redondim,*

Como pé dum jardim,

PATAMELA

Folhas tem, folhas tem,

Nom lhas conta ninguém»

(José Atanes Atanes «Paulus», 86 anos, Vilela, 26.09.93)

b1) *«Entre dous companheiros*

Que vam a comer e beber.

OVOS NA

Comem e bebem e nom pagam

CAÇOLA

Como pode ser?»

(Id.)

b2) *«Três bois marelos*

Pacendo num campo de ferro»

(Var. Gudim, José Pereira Paz, 58 anos, Julho de 1993)

c) *«Pelo por fora*

E pelo por dentro

CALCETIM

Alça a pata

E metê-lho dentro»

(Id.)

d) *«O juropé de catro pés*

CABRA

Vai comer o juropé dum pé»

(Id.)

e) *«Esta noite e maila outra passada*

Abanei umha pereira

MOÇA SOLTEIRA

Que nunca foi abanada»

(Id.)

f) «*Verdes fueron mis principios*

Y blanca fue mi niñez, MORA

Roja mi juventud

Y negra mi vejez»

(Tio Paulus e a sua filha Cristalina)

2.5. Romances

Romances são ainda muitos os que estão por recolher. Numa tarde na Gironda, J. L. Forneiro e eu recolhemos em breve tempo vários: **Gerinaldo + la Condesita, Quintado + la Aparición, La mala suegra, La Gallarda, Tamar, La muerte del Príncipe D. Juan, La pastora probada por su hermano, La hermana cautiva, Santa Íria.** A maioria são fragmentos, que noutros momentos e noutras circunstâncias talvez se possam completar. Como esses romances pertencem já ao Seminário Menéndez Pidal e algum já foi escolhido por Diego Catalán para uma antologia, não vou fazer uso deles aqui. O **Gerinaldo** recolhímo-lo gravado muito mais extenso em Rebordondo recitado por Hortensia Núñez Campos, 79 anos, 14.08.93. ... um misto de castelhano e galego. Resulta interessante comprovar como ela vai explicando cada um dos passos com frases como *E entom despois il dixo-lhe, Entom despois dixo-lhe ela à manhá, Entom dixo-lhe ela, Entom dixo-lhe o rei....* Também recolhímo-lo um fragmento em Moimenta de Francisco e Eloisa e tenho uma versão da minha aldeia, Vila Seca, de há já bastantes anos, recolhida (não gravada) de Ana Maria Sotelo López, 79 anos, viúva com quatro filhos, e Josefa Corbal Salgado, viúva, 69 anos, com três filhos, que viviam ambas na Aira da Moutra, e de Erundina Maio de 40 anos. Está menos galeguizado, mas é também bastante longo. O que não me resisto é o de transcrever o romance de **Silvana** por estar em galego e ser breve. Recitadoras as mesmas:

ROMANCE DE SILVANA

Passeando vai Silvana

Polo corredor arriba

Tocando numha guitarra

(Tb. Tocando na sua guitarra)

Moito bem que la sabia.

Espertou o pai da cama

Co estrondo que fazia.

-Tu que tés, oh minha Silvana?

Tu que tés, oh filha minha?

-Tódalas filhas casadas

Solo p'ra mim nom havia!

-Passeei sete reinados

Sim encontrar quem eu quera,

Nom sendo Conde d'Alberto

Que é casado e tem familia.

-Mande-o venir, mi padre,

Da sua parte p'rà minha.

P'ra que venha mais pronto

Ponha-lhe pena de vida.

-Ustê que me quere rei?

Ustê que me quera?

Quero que máte-la Condesa

E que me cases ca filha.

-Como hei matar a Condesa

Se morte nom merecia.

-Merezca que nom merezca

Mi palabra há ser cumprida.

I has-me trager a cabeça

(Tb. Que traigas a cabeça)

Nesta tam rica bacia.

A Condesa puxo-lhe a mesa

A uso de mediodia

A Condesa puxo-lhe a mesa,

Pero il comer nom comia.

-Tu que tés, meu Conde Alberto?

Tu que tés da tua vida?

Conta-me da tua tristeza

Que eu che conto de minha alegria.

-Quere-me o rei que te mate

E que lhe case ca filha

E que leve a cabeça



Nesta tan rica bacía.
-Mata-me cumha lanceta
De sangue me estinharia.
-Mama, neno; mama, neno,
Iste leite de pesar,
Que manhã por estas horas
Tua mai por enterrar.
Mama, neno; mama, neno,
Mama iste leite de amargura,
Que manhã por estas horas
Tua mai na sepultura.
Tocam as campas em Braga,
Falou o neno que tres meses tenia.
Tocam as campas em Braga,
Ai, Jesus, quem morreria?
-Morreu o treidor do rei
I a perra da sua filha
I o pam que tinha p'rà boda
P'rò enterro lhe servia.
Queria descasalos bem casados,
Cousa que Dios nom queria»

Este romance que vimos de ler é um dos chamados romances tradicionais, dos que há muitas variantes por toda a parte. A seguir vou transcrever outro de temática bastante diferente e um bocadinho divertido e picaresco, recolhido em Valdriz:

A ROSINHA DO TANQUEIRO

«A Rosinha do Tanqueiro
Era umha gram costureira,
Um dia estava cosendo
Num quartinho da palheira.
Anselmo da Vila Nova,
Era um moço que'ela tinha,
Foi-se por tras dumhas reixas
Ouservar o que fazia.
Rosinha estava fazendo
Nunhas bragas e num sustém
Quando se pujo a prová-las
A ver si lhe estavam bem.
Ao ver tal cousa Anselmo,

Já nom se tinha de pé.
Dixo-lhe: Ai, minha rapaza,
Que pernas tam brancas tés.
-Arrenegado sea el demónio,
Dixo assustada Rosinha:
Sempre me andas assustando,
Mala sarna te persiga!
Anselmo subiu pa riba,
Subiu pola escaleira
Ca sua cara de risa,
Foi pa junto a costureira.
-Nom te me enfades, Rosinha,
Porque as pernas che mirei.
Já sei que as tés gordinhas
E contigo me casarei.
Em aquel mesmo dia,
Em aquel mesmo momento,
A Rosinha i ò Anselmo
Tratarom do casamento.
Q'ando saliam pa fora,
dixo-lhe o cura ò Anselmo:
-Ti já levas quem te quente
As canelas no inverno.
-Falta faghia, senhor cura,
Bastante levo sofrido.
Dormir solo no inverno
é bo pa morrer co frio.
-Pois a rapaza é che jeitosa
Ai, si a mim mas quãntara!
-As suas, contestou Rosa,
Há-lhas quãntar a criada.
Gastando daquelas bromas,
Marcharom pa Santa Andrea.
Vaia-se boda eleghante
Estilo daquela aldea!
Chamarom moitos parentes
I òm ghaiteiro pa tocar,
Porque os casados de novo
Tinham ghanas de beilar.
Por beilar a muinheira
Forom-se com dia à cama.
S'Anselmo faghia bem
Rosa seica lhe ghanava.



*Alá pela media noite
Anselmo quedou dormido
E assi dizia a Rosinha:
Desperta tu, meu marido,
Tantas ghanas como tinhas!
Já parache, meu dançante.
Quando que hoje estás cansado
Que farás mais adiante?»*

(David Ogea Matias, 60 anos, Valdriz, agosto de 1992)

2.6. Outros tipos de canções

Uma das cousas que me chamou a atenção é a maneira que tem a Tia Lupe da Gironda de ligar umas quadras a outras, repetindo na seguinte o quarto verso da anterior. Vejamos um exemplo:

*«As mocinhas da Gironda
Andam moi apesaradas,
Vam-se os moços p'ò Brasil
I elas nom vam ser casadas.
I elas nom vam ser casadas,
Choram que cortam a vida.
Hai que faguela vezeira
E botá-las p'rà Roufía.
E botá-las p'rà Roufia
P'ra cumprir o jubileo.
De guardador vai Bugheto
E o zambulho do Tadeo.
E o zambulho do Tadeo
Vai-nos dar em que pensar:
Tem umha cabrita em casa,
Comprem doze p'rà guardar.
Comprem doze p'rà guardar,
Pega brincos coma os corços,
Que lhe pica o tirabeque
E nom lhe falam os moços.
E nom lhe falam os moços
E se nom fam-no de ves.
Já lhe baixim umha mesa
P'ra que nela quepam três.*

*P'ra que nela quepam três
I está bem desocupada,
Que se senta ela no médio
E nas bordas nom hai nada.
E nas bordas nom hai nada
E a mai morre-se co'a pena,
Forom-lhe dar aguinaldo
Nim tam siquer umha pera.
Nim tam siquer umha pera,
Inda foi outra mais gorda
Chaparam-lhe umha peseta
Que lha prestou a Cardoa»*

(Gironda, Guadalupe Álvarez Suárez, 83 anos, 06.08.93)

Da mesma Tia Lupe é a seguinte relativa ao fiadeiro:

*«Quando vou ò fiadeiro,
Nom levo fuso nin roca:
Vou p'ra tocalo pandeiro
Que esta noite a mim me toca.
La la la ra la la
La la la ra la la (bate palmas)
La la.*

*Eu quedei de vir e vir
Esta noite ò fiadeiro,
Eu quedei de vir e vir
Para tocalo pandeiro.
A tocala pandeireta
Ganei umha saia nova
E mais um rebiritinho
Para lhe botar de roda.
Aquelas nenas bonitas,
Que gustam andar pintadas
(Tb. peínadas)
Eí vem o Ponte-Negra
No médio das afolhadas.
La la la ra la la
La la la ra la la (bate palmas)
La la.»*

2.7. Desafio

*-«E ti inda non volveche.
A noite dos Inocentes
Fuches curtegala moça,
Deu-che ca porta nos dentes.
-Assoma-te a essa ventana,
Pucheiro de ferve mocos,
Nom digas pola manhám
Que nom te rondamos os moços.
-Cala-te vai-te calando
Cara de sardinha crua
Que parelo meu porco
foçando na lavadura.
- Ai, Pepinha querida,
Di-me porque nom me queres
E se nom vai p'rò muinho
Qu'o que sobram som mulheres.
-Ai, Jacobo conjanado,
Qu'onte estivem-te escoitando
E dizia-lhe o meinho
À Farruca do Fernando.
-Foi certo q'ando lhe dixem
Já que ouviche nom cho nego
Logo por passalo tempo
E passalo punto cego.
La la la ra la la
La la la ra la la (batendo conchas)
La la.
-Nom te vaias do meu lado,
Nom me fagas padecer,
Porque se tu nom me queres
É já que poida morrer.
-Morrer tu sendo tam novo,
Inda tés todos os dentes,
Das um disgusto na casa
E trabalho òs teus parentes.
-Maripepinha querida,
Nom te vaias do meu lado,
Porque se tu nom me queres
Já me vou conduchifrado.
-Dios me livre que esso sea,
Nim que tal desgrácia mande,*



*Que por mais (que) nom hai coidado
Que p'ra ti já vas grande.
-Calate, vai-te calando,
Que já te mandei calar,
Já te vim ir a Castilha
Levar os cás a cagar»
(emprega às vezes «ladrar»).*

CONCLUSÃO

São só alguns exemplos de literatura popular. Acho que, como exemplos, já vale para o resto. Como Povo colonizado, Galiza teve poucas escolas através dos anos. É muito recente a implantação da escolaridade em todas as partes. Escolaridade que foi alienante e despersonalizadora -como ainda o está a ser-. Nas nossas aldeias ainda restam, por pouco tempo, grandes génios que se estão a enterrar dia a dia, pessoas de grandíssima memória e grandes habilidades. A Tia Lupe é capaz de ler um texto uma ou duas vezes e repeti-lo tal qual de memória. David Ogea Matias comprava as coplas pola manhã e à tarde já as sabia e repetia fielmente. A nossa escola foi muito destrutora e aborrecida. O insucesso escolar está no método. A escola tem que ser viva, dinâmica. As aulas de língua podem ser atractivas e amenas. Há que deitar fora o livro de texto, partir dos textos populares, estudar a gramática através dos contos, lendas, quadras populares, dramatizar os contos, refazê-los, analisá-los, relacionar uns com outros, fazer novos contos, dar liberdade ao texto livre e ir aprendendo a gramática partindo do real, da experiência, para chegar posteriormente ao abstracto, a reformular as regras da gramática. Para tudo isso há que preparar bem os mestres. Remunerá-los devidamente e estes devem assumir o seu trabalho não como um ofício mas como uma vocação. E trabalhar sempre em contacto com o entorno físico e social, deixando de lado programas e exames, fomentando uma fome cultural nos alunos.

Muinheira - A GIRONDA

Cualedro - Ourense

POPULAR

Recollida por I. A. Estravís á Sra. Guadalupe Álvarez, 83 anos
06-08-93

The image shows a musical score for a song. It consists of four staves of music in a single system, all written in treble clef. The key signature has three flats (B-flat, E-flat, A-flat), and the time signature is 5/4. The lyrics are written below each staff. The first staff has a 5/4 time signature, while the second, third, and fourth staves have a 4/4 time signature. The lyrics are: 'Quan- do vou ò fĩ- a- dei- ro nom le-vo fu-so nim ro- ca', 'vou p'ra to- ca-lo pan-dei- ro que es-ta noi- te a mim me to- ca.', 'A la la ra la là Ai la la ra la lá', and 'Ai la la ra la la la la la'.

Quan- do vou ò fĩ- a- dei- ro nom le-vo fu-so nim ro- ca

vou p'ra to- ca-lo pan-dei- ro que es-ta noi- te a mim me to- ca.

A la la ra la là Ai la la ra la lá

Ai la la ra la la la la la

*Eu quedei de vir e vir
esta noite ò fiadeiro,
eu quedei de vir e vir
para tocalo pandeiro.*

*A tocala pandeireta
ganei umha saia nova
e mais um rebiritinho
para lhe votar de roda.*

*Aquelas nenas bonitas
que gustan andar pintadas
(Tb. peinadas)
Ei vem o Ponte-Negra
no médio das afohadas.*